

Crítica

A Mais Terna Ilusão



Teatro Turim

Teatro. Sex-Dom

A noite passou, a madrugada ganha luz, invadida por uma alvorada cinzenta, sem esperança. O sonho termina. É preciso viver, apesar de tudo. Ou talvez não. As palavras não são claras, isto é, dizem muito, mas falam por símbolos. Podem dizer o que cada um quer. Certo é, agora, sobre o palco, o corpo do marinheiro afastar-se como um fantasma desistindo da assombração. Não voltará.

Um pouco de história: A data da assinatura é 11 e 12 de Outubro de 1913. Há cem anos, dois meses, duas semanas e uns dias, portanto, Fernando Pessoa escreveu *O Marinheiro* como um “drama estático em um quadro”. Foi o seu primeiro texto publicado na revista *Orpheu*, o único entre umas boas duas dezenas de projectos teatrais que concluiu e editou, porém nunca foi encenado enquanto o poeta viveu e muito poucas vezes depois se ouviram as vozes das veladoras. É uma obra que os pessoanos acham representar bem, digamos, a fase simbolista e saudosista, firmemente radicada na estética estabelecida e praticada pelo dramaturgo e ensaísta belga Maurice Maeterlinck, condensando as obsessões que dominavam o pensamento e a acção do lisboeta renitente.

O original remete para um lugar

alhures, talvez mesmo outra dimensão fora do espaço-tempo, onde três mulheres, velando um corpo, contam a história de um marinheiro, um naufrago preso numa ilha deserta, a solo criando para si uma outra realidade, mais pujante e realista que a sua própria. Aqui, em *A Mais Terna Ilusão* (parte do programa de Pessoa Revisited Again, colaboração da Casa Fernando Pessoa com o Teatro Turim), encontra-se o marinheiro e, pela dramaturgia de Ricardo Boléo e a interpretação de Cátia Terrinca, sobre o véu tecido pelo desenho de luz de Sara Garrinhas que paira sobre a cena, acede-se a um mundo de espectros, uma existência própria de fantasmas oníricos, um coro de vozes encadeadas como a litania de um poema coral, tecendo a ficção sem cuidar de regras nem querer saber de normas nem, provavelmente, procurar um devir. É grande o risco de encenar uma peça tão complexa na sua multiplicidade de espelhos e metalinguagem cenicamente subversiva. Contudo, e apesar de algumas hesitações na construção dramática, a prova pode considerar-se superada com brio, principalmente porque *A Mais Terna Ilusão* resiste à tentação de se fechar sobre si (como o texto de Luísa Monteiro na folha de sala sugere) e a interpretação, ilustrando a solidão dos sonhadores, transmite vividamente a angústia dos que habitam entre o sonho e a vida.

Rui Monteiro



A angústia dos que habitam entre o sonho e a vida